

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

CAMÕES E O JÃO

SCENA DRAMATICA, ORIGINAL

DE

CASIMIRO ABREU,

REPRESENTADA NO THEATRO DE D. FERNANDO,
EM 18 DE JANEIRO DE 1856.



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
Travessa da Victoria, 52.

1856

PROLOGO.

A 13 de Novembro de 1853, encostado pensativo ao mastro de ré do vapor «Olinda,» transpunha a barra do Rio de Janeiro em demanda das costas de Portugal. Com que dor tinha os olhos fitos n'aquellas paizagens soberbas que pareciam apagar-se pela distancia! Quando deixei de ver as vagas enroladas baterem nos rochedos; quando as montanhas que se desenhavam ao longe, sumiram-se no horisonte, o pranto correu-me pelas faces, como nunca havia corrido. Eu chorava deveras como hoje suspiro saudoso, porque era a patria que eu deixava; a terra onde nasci; porque lá ficava meu pai e minha mãe, meus irmãos, tudo que de mais caro tinha no mundo!

Ai! é triste e solemne esse momento cruel. Vagando na amplidão dos mares, alongando saudoso a vista e os olhos só vêem o azul do céu confundir-se ao longe com o azul das vagas! Os joelhos tremulos, dobram-se; os labios ardentes de desespero murmu-

ram meu Deus! minha patria! minha mãe! o pranto corre livre e o peito arqueja e cança.

E todas as noites quando pelo postigo do meu beliche via o firmamento salpicado d'estrellas, soltava um suspiro. Quando no outro dia contemplava o sol no occaso, dourando com seus raios moribundos as nuvens acastelladas no poente, suspirava tambem! Quizera ver esse mesmo céu estrellado nas lindas noites da minha terra, quando os raios da lua brincam com as flores do prado e adormecem nas agoas quietas do rio. Quizera ver o astro do dia em vez de se mergulhar nas vagas, esconder-se por traz das collinas, reflectindo seus palidos e ultimos fulgores na cupula elevada do campanario da aldêa. Quizera ver tudo isso... e a patria já estava tão longe!...

Depois, mais alguns dias de balancear monotono sobre as agoas, e pizei terra extranha. Era este Portugal velho e caduco que hoje dorme um somno longo á sombra dos louros que ganhou outr'ora; era este Portugal que ainda repercute o tinir das armaduras e das espadas de seus guerreiros extinctos; era este Portugal que ainda repete as doces harmonias exhaladas de tantas lyras sonoras; era este Portugal, patria de meus avós, mas não minha patria. Aqui falla-se a mesma lingua que se falla no Brazil; aqui tambem ha sol, ha lua, ha aves, ha rios, ha flores, ha céu. mas o sol da minha terra é mais ardente, a lua mais suave, o canto das aves é mais terno, os rios são mais soberbos, as flores tem mais perfumes, o céu tem mais poesia.

Já dois annos se passaram longe da patria. Dois annos! Diria dois seculos. E durante este tempo tenho contado os dias e as horas pelas bagas do pranto que tenho chorado. Tenha embora Lisboa os seus mil e um attractivos, ó eu quero a minha terra; quero respirar o ar natal, o ar embalsamado d'aquellas campinas ridentes; quero aspirar o perfume que exhalam

aquelles bosques floridos. Nada ha que valha a terra natal. Tirai o indio do seu ninho e apresentai-o d'improviso em Paris: será por um momento fascinado diante d'essas ruas, d'essas praças, d'esses templos, d'esses marmores; mas depois fallam-lhe ao coração as lembranças da patria, e trocará de bom grado ruas, praças, templos, marmores, pelos campos da sua terra, pela sua choupana na encosta do monte, pelos murmurios das florestas, pelo correr dos seus rios. Arrancai a planta dos climas tropicaes e plantai-a na Europa: ella tentará reverdecer, mas cedo pende e murcha, porque lhe falta o ar natal, o ar que lhe dá vida e vigor. Como o indio, prefiro a Portugal e ao mundo inteiro, o meu Brazil, rico, magestoso, poetico, sublime. Como a planta dos tropicos, os climas da Europa infezam-me a existencia, que sinto fugir no meio dos tormentos da saudade.

Feliz aquelle que nunca se separou da patria! Feliz aquelle que morre debaixo do mesmo céu que o viu nascer! Feliz aquelle que pode receber todos os dias a benção e os affagos maternos! Mil vezes feliz, porque não sente esta dor que me arranca do peito as lagrimas ardentes que me escaldam as faces. Mas eu conservo ainda a esperanza, esse anjo lindo que nos sorri de longe. É quem deixará de ter esperanças? Só o desgraçado, que, crestada a fronte pelo halito maldicto das tempestades da vida, solta em um dia de desespero a blasfemia atroz: não creio em Deus!.. Só esse.

Eu, não. Estou na idade das illusões; arde-me no peito o fogo dos meus dezeseite annos; creio em Deus do fundo da minha alma, como o justo crê na recompensa divina. Sim, um dia verei a minha patria, os meus unicos amores; um dia entre prantos e soluços abraçarei minha mãe; um dia... á sombra triste da funerea cruz descancarei na mesma terra que me viu

nascer. Deus é justo. O dia em que devo sentir uma nova vida, chegará. Esperemos.

No dia 18 de Janeiro representou-se no theatro de D. Fernando a scena dramatica « Camões e o Jáo » primeira composição minha, ao menos a primeira que passou da pasta dos meus acanhados ensaios ao dominio da crítica. Ninguem é mais do que eu, conscio dos innumerados defeitos que tem. Bem se vê que essas notas são tiradas pelas mãos tremulas d'um novato, na mais humilde e desconhecida lyra. No entanto foi recebida no meio dos bravos e applausos.

Mas esses applausos e esses bravos, comprehendí-os bem. Não eram a corôa de louros que me lançaram, coroando o merito da peça. Não. Eram as vozes d'um povo amigo e hospitaleiro, que bradavam — « ávante ! » ao joven que ua carreira das letras encetava o seu primeiro passo.

Obrigado, mil vezes obrigado. Dissestes : ávante ? Bem ; eu tentarei proseguir o trilho. Maldicto o que espinha sem piedade a flor que tenta desabrochar ! Aos dois actores que a desempenharam tão bem, renovo os meus agradecimentos. São o sr. Braz Martins e o sr. Santos.

O sr. Braz Martins tem a sua reputação feita como escriptor e como actor ; não carece dos meus elogios. Só lhe podem negar o merito litterario e artistico, almas baixas movidas por paixões mesquinhas. Demais, digo-o aqui com franqueza, cabe-lhe dupla gloria : foi elle quem me deu o pensamento da scena dramatica. O sr. Santos é um joven de bastante merito, para quem o futuro sorri auspicioso. Um dia, n'essa carreira d'espinhos, ha de ter a fronte coroada de flores.

Agora, offereço esta minha producção a duas pessoas, ambas no Brazil. É ao meu antigo lente e amigo o ill.^{mo} sr. Christovão Vieira de Freitas, e ao meu

amigo e collega Christovão Corrêa de Castro, que segue o curso de direito na academia de S. Paulo.

Ao primeiro, peço que quando ler o « Camões e o Jáo » vá riscando e emendando com o lapis os muitos versos duros que lhe ferirem os ouvidos. As suas emendas são regras para mim.

Ao segundo, que foi meu companheiro d'estudos durante quatro annos no Instituto « Freese, » rogo de me recommendar a todos os collegas d'esse tempo tão feliz. Quando nos separamos em Nova Friburgo, de certo não foi para sempre. Ainda um dia hei de ouvir o canto melodioso e terno do Sabiá; ainda um dia nos veremos.

Lisboa, 27 de Março de 1856.

CASIMIRO ABREU.

CAMÕES E O JÁO

SCENA DRAMATICA ORIGINAL

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO DE D. FERNANDO,
NA NOITE DE 18 DE JANEIRO DE 1856.

PERSONAGENS:

CAMÕES. SR. BRAZ MARTINS.
ANTONIO. » SANTOS.

CAMÕES E O JÃO.

A SCENA REPRESENTA UMA CASA POBRE; AO FUNDO UMA PORTA, DO LADO DIREITO UMA JANELLA E UM BRAZEIRO: EM DISTAN- CIA, DO LADO ESQUERDO, UMA CAMA ORDINARIA E UMA CADEI- RA; JUNTO AO BRAZEIRO UMA BANCA PEJADA DE MANUSCRIPTOS.

SÃO DEZ HORAS DA MANHÃ.

Ao levantar do pauno ouve-se o ribombar longiquo do canhão.
O poeta, deitado, recolhe attento aquelles sons que pouco a pouco se esvaezem; depois assenta-se.

SCENA UNICA.

CAMÕES E DEPOIS ANTONIO.

CAMÕES.

Que sons são estes que do Tejo a brisa
Trazer me vem no susurrar macio?
Julguei ouvir o ruffo dos tambores,
Ou o estridor pelos eccos repetido
De bronzeas bôcas a rugir nas vagas.

(Erguendo-se)

Ribombo do canhão! signal de gloria
Para as sempre fortes vencedores Quinas
Impavidas hasteadas nas muralhas
Das fortalezas indicas vaidosas,
E tremulando na soidão dos mares
Que ao jugo luzitano a ceryiz curvam!

Trombeta do combate! quando soas,
Bater tu fazes com dobrada força,
Com fogo ethereo coração ardente
Que em peito portuguez livre palpita.

(Com enthusiasmo)

Meu Portugal tão bello e tão valente!
Torrão formoso, terra de magia,
Ricos sonhos do poeta, meus amores,
Sim meus amores, que os que tive outr'ora...
Calla-te coração... já não existem!

(Caminhando com custo para a janella)

De primavera que formoso dia!
Que azul de céu tão puro e tão sereno!
Como corre o meu Tejo socegado!
Meu patrio Tejo, que cantei saudoso
No exilio amargo tantos annos... tantos!

(Commovido)

Ó quantas vezes de Macáu na gruta
Por ti, por Portugal eu soluçava!

(Retirando-se da janella)

Para que me hei de recordar do exilio?

(Assentando-se na cadeira)

Passado é já. Vejamos o futuro.

(Curva a frente)

ANTONIO.

(Entrando e aproximando-se de manso — á parte)
Como está pensativo! sempre triste!

CAMÕES.

Quem entra do mendigo na choupana?

(Reparando)

É jáo, meu pobre, meu sincero amigo.

ANTONIO.

(Á parte)

Chamar-me amigo! a mim, ao proprio escravo!

Escravo... que os grilhões contente beijá !

CAMÕES.

Meu Antonio, para mim não trazes nada ?

ANTONIO.

Fui buscar pão... nem um seutil me deram !

CAMÕES.

Resignação e fé, que Deus é justo.

ANTONIO.

Resignação, dizeis ! Mas ah ! que tendes ?

Tão palido vos vejo e tão mudado !

Depois que vos deixei soffrestes muito ?

CAMÕES.

Meu amigo, socega ; nada tenho.

ANTONIO.

(À parte)

E tornou-me a chamar o seu amigo !

Igual affecto, quem pagal-o póde ?

CAMÕES.

Dizes que tenho a palidez no rosto ?

Não repares ; a côr fugiu ha muito.

Eu soffro, sim, mas quasi que o não sinto.

É a vida a soltar o arranco extremo

Já prestes a findar, como no templo

A mingoa d'oleo, ao despontar da aurora,

A lampada que ardeu durante a noute

Palida brilha, bruxulêa... e morre !

ANTONIO.

Por Deus vos peço, não falleis em morte.

CAMÕES.

Se eu a sinto chegar a passos largos !
Muito não tardará que o corpo inerte
Vá sob a terra descansar para sempre.
Uma existencia cheia de desgostos,
As mais douradas illusões desfeitas,
Findos os sonhos, a esperança extincta...
Ó de que vale o prolongar-se a vida ?
Sim, brevemente cerrarei os olhos,
Morrerei pobre, velho, desprezado...
Com um amigo só, que és tu, Antonio.

ANTONIO.

(Cahindo-lhe aos pés)

Ó meu senhor !

CAMÕES.

Terei um peito ao menos
Onde então possa reclinar a fronte,
Uma lagrima derramar saudosa,
E dizer expirando o nome d'ella !
(Erguendo com doçura a cabeça do jáo)
Antonio, diz-me cá ; tu nunca amastes ?

ANTONIO.

(Erguendo-se)

Se tenho um coração !... Eu amo muito
A terra onde nasci, a minha Java :
A meus pais eu amei como bom filho
E a vós, ó meu senhor, hei de amar sempre.

CAMÕES.

Na tua vida uma mulher não houve
Que igual affecto te inspirasse ainda ?
Por quem sentisses attracção immensa ?
Em que louco pensasseis, sempre, sempre,

Mesmo dormindo, em sonhos bem fagueiros?
Uma mulher, emfim, por quem no peito
Forte paixão te ardesse ou um desejo?
Uma mulher, um anjo, cujo nome
O tivesses nos labios e na mente;
Escrepto o visseis na corrente branda
Que sobre seixos se deslisa quieta,
N'um céo d'auil, na flor do prado, em tudo?
Que t'o dissesse a brisa perfumada
Lasciva perpassando pelas flores,
O murmurar da fonte cristalina,
No firmamento o scintillar dos lumes,
Que o mundo inteiro te fallasse d'ella?
Um anjo, a quem no delirar ardente
Aos pés prostrado — amor! — dissesse terno?

ANTONIO.

Sim, sim; uma mulher eu amei muito.
Era tão bella! A mesma cor que tenho,
Ella tinha tambem; era de Java.
A infancia ambos passamos sempre juntos
Brincando alegres pelos campos lindos.
Passaram-se os folguedos, e sósinhos
À fresca sombra dos gentis palmares
Que enfeitam a minha ilha tão formosa,
Mil fallas de ternura lhe fallava,
Mil esp'ranças risonhas eu nutria.
Era muito feliz o pobre escravo!
Depois... tão moça ainda ella finou-se!
O que eu chorei! E a dor pungente e amarga
Até á morte sentirei n'esta alma
Que outro amor como aquelle tão sincero...
O senhor! o pobre jáo não terá nunca.

CAMÕES.

Pois escuta: eu amava com excesso

Na terra uma mulher muito formosa
Que a sorte cega colocou mui alta.
Mas o pobre Camões não tinha um nome
Não podia off'recer-lhe a mão d'esposo !
Ai loucos ! por ventura um sentimento
Quereis moldal-o a conveniencias futeis ?
Quem é que ao coração jámais deu regras ?
Sem demora parti, buscando a gloria.
Longos annos vaguei saudoso e errante,
Ora embalado pelas bravas ondas
Do oceano em furia grande, ouvindo os uivos
Da procella a bramir forte e medonha ;
Ora chorando os prantos do proscripto
Nos ermos montes de longiquas plagas.
Que saudades que eu tinha d'esta terra,
D'estas veigas risonhas, d'estas fontes,
D'estas flores mimosas, d'estes ares !
Nunca n'aquellas regiões tristonhas
O riso de prazer me veio aos labios.
Em vão eu quiz beber uma harmonia,
Uma inspiração celeste, radiante !
Lá não trinava o rouxinol gorgeios
Na balseira virente em noute bella,
Quando a lua prateada se retrata
Sobre as agoas do lago socegado ;
Lá não ouvia a gemebunda rôlla
Gemer saudosa... que entristece tanto !
Lá não sentia a vespertina aragem
Vir bem de manso bafejar-me a lyra,
Que nuuca mais soltára hymno festivo !
Tudo alli respirava só tristeza !
E durante esses annos tão compridos,
Esses annos d'ausencia e de tormentos,
A imagem de Natercia eu via sempre.
Uma vez que tranquillo adormecera,
De subito me ergui todo convulso...

Sonho horrivel me havia despertado.
Sonhei-a fria, já sem vida... morta!
Aquelle corpo airoso, inanimado!
Aquelles lindos olhos já sem brilho!
Os labios purpurinos já cerrados,
Mas que no entr'abrir final, balbuciarão
Camões! Camões! ainda com ternura!
Vacilante os cabellos apartava
Com a tremula mão da fronte em gêlo...
Visão não era; realidade pura!
Era morta a mulher que eu tanto amava,
Morta... na flor da vida!... ella era um anjo!
Desde esse dia então morri p'r' o mundo.
As lagrimas de dor verti-as todas,
Depois... não chorei mais, soffria mudo.
De rojo junto á cruz, constricto orava,
Orava todá a noute só por ella.
A Deus pedia o termo de meus dias,
Que entre os anjos no céu vel-a queria,
Já que na terra os homens, sem piedade,
Me haviam d'ella separado sempre.
Mas o Eterno não quiz. Curvei a fronte.
Quereis que esgote o calix da amargura?
Submisso e prompto está o servo humilde.

(Apontando para a banca)

Olha, Antonio, dá-me aquelles versos.

(Recebendo-os)

Sim, são estes que fallam de Natércia
Com todo o fogo d'um amor eterno.
Eis o signal das lagrimas calidas
Sobre o papel quando tracei as linhas.
Lagrimas quentes, lagrimas de sangue,
Arrancadas por uma dor immensa.

(Beijando-os)

Ó quero lêl-os, lêl-os novamente.
Foi este canto luctuoso e triste

Ultimo harpejo que soltei gemendo.
Ai ! quando d'esse dia me recordo,
Involuntario o pranto se desprende.
É uma corda que se vai da lyra,
Mais vma fibra que do peito estalla,
Mais um gemido que rebenta d'alma,
— Derradeiro estertor do agonizante —
Um gemido que diz : além a — campá !

(Assenta-se e lê :)

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'este mundo descontente ;
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

ANTONIO.

(À parte)

Alli n'aquelle leito tão mesquinho
Repousa o maior vate d'este mundo !
P'r'o sepulchro inclinada a fronte nobre
Quasi a sumir-se como o sol no occaso,
Um ai não solta nem um só que seja !
Callado soffre, soffre, e não murmura !
Só eu é que conheço o que padece :
Com fome ha tantas horas e não tenho
Em casa, nada que lhe dê agora !
Se pudesse passar sem mim ao lado...
Se pudesse ! inda sou rapaz, sou forte,
De noute e dia trabalhava sempre
E do trabalho o lucro era para elle,
Era só p'ra Camões. Mas eu não posso,
Não posso abandonal-o um só momento.
Tão fraco ; até lhe custa a dar um passo !
Eu vou de porta em porta, a mão estendo,

Peço pão, não p'ra mim, mas p'r'o poeta...
E só parece que a rochedos fallo,
Ninguém attende á supplica do pobre!
De dor eu choro quando peço esmolla
E vejo que m'a negam tão sem alma.
Filhos de Portugal! ó portuguezes!
Viveis entregues aos festins maldictos
Sem vos lembrar que na miseria triste
Enfermo geme, moribundo quasi,
Um portuguez tambem, um vate illustre?
Ah! sois malvados corações de pedra!
Sim, sois malvados! O perdão do poeta,
De certo o tendes, porque é bom, perdôa;
Mas dos sec'los futuros, com justiça,
Anathema tereis e fulminante,
Da infamia o ferrete desprezível
E a voz de Deus vos bradará severa:
« Assassinos, assassinaste o vate! »
(Ouvem-se salvas repetidas, ao longe)

CAMÕES.

Antonio?

ANTONIO.

Senhor!

CAMÕES.

Saberás dizer-me
Por que em signal festivo o canhão trôa?

ANTONIO.

É a saudação banal das fortalezas
Ao rei, á esquadra, que transpõem a barra,
E que entregues aos ventos inconstantes
Destemidos se vão plantar ousados
O estandarte da Cruz em terras d'Africa.

CAMÔES.

(Erguendo-se, agitado)

Sim, elles vão... mas é buscar a morte.
Quem antevera que d'um povo a ruina
Pelo seu proprio rei cavada fosse?
Ó campas nobres, já no pó envoltas,
De Nuno, d'Albuquerque e de Pacheco:
Decerrai-vos, surgi! que esses gigantes,
Patriotas bravos, semi-deuses luzos,
Erguendo-se do somno eterno um pouco,
Depressa venham sustentar a patria
Que ameaça cahir, cahir p'ra sempre!

(Caminhando para a janella e fallando para fora)

D. Sebastião, monarcha temerario,
Parai! parai! que não ireis mancebo,
Sepultar nas arêas africanas
De tantos sec'los, n'um só dia a obra.
Se não ouvís meu brado, por ser fraco,
Ó escutai, senhor, o pranto amargo
Do pai, da mãe, da esposa e do filhinho
Que vos pedem o filho, o pai, o esposo,
Que sem dó arrancaes dos lares patrios
P'ra sepulchro lhes dar em terra extranha.
Mas ah! sois surdo; vossas náos já partem,
O Tejo deixam... no horisonte somem-se...
Um dia dareis conta d'essas victimas.

(Retirando-se da janella e como que subitamente inspirado)

Que luz celeste me esclarece agora?
Que sombras estas que vagueam tristes,
Que se deslisam silenciosas, quietas,
Fantasmas negros na mudez da noute?!...
Que campo é esse que se allaga em sangue,
Theatro horrivel onde impera a morte?!...
Ó d'Alçacer-Quivir plagas maldictas!

Que presencêas n'um só dia a queda
Da nação entre todas a mais nobre!
Ah! vergonha p'r'as armas portuguezas!
No calor da peleja que se trava,
Parte-se a folha da-ligeira espada
E o alfange como, anjo de extermínio,
Prostra exangues, sem dó, esses valentes
Que em cem batalhas não tremeram nunca!
Os soldados de Christo já recuam
Pelas inimigas hostes esmagados,
O regio elmo pelo campo rolla...
Calcada está de Portugal a c'rôa,
Nosso pendão cahiu... quebra-se o sceptro...
E D: Sebastião ouzado e joven
Eil-o que tomba do ginete altivo
Com vida ainda, p'ra não mais erguer-se!
Elle, nobre dos nobres luzitanos,
Ao lado do peão lá geme, espira!
— A morte nivelou o throno e a choça. —
Mas que ouço?! Estes canticos selvagens...
Este alarido e gritos de victoria...
De triumpho infeliz os solta um povo!
As mauras meias-luas lá tremulam
Dos christãos sobre as tendas tão vaidosas;
Lá resôa o clarim cantando um hymno
Que contentes os eccos o repetem
Pelo negror das trevas que caminham
A cubrir com o sudario da vergonha
A purpura real, d'um rei o corpo!
Ouve-se ainda um brado... extincto é tudo!
A gloria e o nome portuguez morreram!
E este tinir de ferros?! São algemas,
São grilhões que nos vem lançar Castella!!
Termos de supportar extranho jugo...
Soffrer da escravidão a morte lenta...
Um nobre portuguez responde — nunca!

ANTONIO.

(Á parte)
A febre do delirio que o devora !

CAMÕES.

Eu á patria sobreviver ! não quero.
Quem d'este Portugal cantou as glorias
Não póde a Portugal na mesma lyra
Desferir o canto funebre saudoso.
Se a patria é morta, hei de morrer com ella.
Hei de sim, hei de sim, porque n'esta alma
Era o affecto maior que ora existia.
Ó que a mesma mortalha nos envolva ;
E o canto d'alma apaixonado e terno
Em que humilde exaltei a fama tua,
Que as chammas o consumam ; que hoje mesmo,
De Luiz de Camões não tenha o mundo
Nem sequer uma trova de seus dias...
Bem poucos de prazer, de dor bastantes !
Queimem-se todos, queimem-se esses versos,
D'esta alma parte, que escrevi mil vezes
Com pranto amargo deslizado em bagas.
Eia ! coragem !

(Lança ao fogo alguns manuscriptos e vai buscar
os Luziadas)

ANTONIO.

Os Luziadas, nunca !

Por quem sois, suspendei ! sou eu que o peço ;
Que não se queima assim n'um só momento
D'um poeta immortal a rica c'rôa
E o mais nobre brasão d'um povo inteiro.
Ó vou salvá-los.

(Corre para Camões)

CAMÕES.

(Lançando-os ás chammas)

Já, nem mais um passo.

ANTONIO.

(Tirando-os)

Eil-o, o laurel d'um vate!

CAMÕES.

Que fizeste?!...

ANTONIO.

(Erguendo o poema)

Se é verdade que tua patria é morta,
- Este poema lembrará ao mundo
Que houve outr'ora um Portugal gigante
E — Camões — fôra seu cantor sublime.

FIM.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).